

DEZ ANOS

CONTRIBUINDO PARA
O DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL



Estrada Chico Mendes, 185 - Sertãozinho - Piracicaba - SP - Brasil
+ 55 (19) 3414-4015 • imaflora@imaflora.org • www.imaflora.org

DEZ ANOS CONTRIBUINDO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

DEZ ANOS

CONTRIBUINDO PARA
O DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL



Realização:

Imaflora - Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola.

Textos:

Maura Campanili

Projeto gráfico e diagramação:

Priscila Mantelatto

Apoio institucional:

Novib Oxfam e Fundação Ford

O Imaflora - Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola, é uma instituição brasileira, sem fins lucrativos, criada em 1995 com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento sustentável, promovendo e incentivando o manejo florestal e agrícola ambientalmente adequado, socialmente benéfico e economicamente viável.

O Imaflora surgiu com o intuito de implantar a certificação florestal, principal ferramenta para a promoção do manejo, no hemisfério sul. Hoje, a instituição ampliou o seu campo de atuação para a área agrícola e utiliza novas ferramentas que contribuem com o desenvolvimento sustentável, como o treinamento e a capacitação, o estímulo à comercialização de produtos certificados e o apoio ao desenvolvimento de políticas públicas.

Para saber mais sobre o Imaflora consulte:

www.imaflora.org

Apresentação.....	4
Capítulo 1 - Histórico.....	8
Capítulo 2 - Certificação Florestal.....	16
Capítulo 3 - Certificação Agrícola.....	24
Capítulo 4 - Treinamento e Capacitação.....	32
Capítulo 5 - Mercados.....	40
Capítulo 6 - Políticas Públicas.....	48

A apresentação

10 anos promovendo
mudanças, que
transformam vidas.



Foto: Projeto de Colonização Pedro Peixoto - Acre.

O Brasil é o país com maior área de florestas tropicais do mundo, com aproximadamente 60% do seu território coberto por elas. Essas matas estão diretamente ligadas à vida da população influenciando na regulação do clima, proteção das bacias hidrográficas e conservação da biodiversidade. As florestas também fornecem produtos de grande importância econômica como madeira, frutos, óleos, resinas etc.

Essas florestas, no entanto, têm sido ameaçadas pelo uso madeireiro predatório, por incêndios florestais e pela expansão urbana e da agropecuária. Nas últimas três décadas, a Amazônia, a maior de todas as florestas tropicais, perdeu quase 600 mil Km² o equivalente ao território da região Sul do Brasil, processo que ainda não deu mostras de estar recuando. Apenas no período 2003-2004, foram desmatados 26.130 Km², um índice 6,23% superior ao período anterior e o segundo maior desde que o monitoramento começou a ser feito, em 1988.

As taxas atuais são movidas, principalmente, pela expansão agropecuária, notadamente da pecuária, na área conhecida como Arco do Desmatamento, que atravessa os estados de Rondônia, Mato Grosso e Pará. O retorno econômico, a facilidade de instalação e operação e escoamento da produção, aliados à ausência de estruturas de fiscalização, são um incentivo à expansão a qualquer custo.

Por outro lado, as dificuldades legais de manejo florestal na Amazônia, causadas principalmente pela falta de áreas com situação fundiária regu-

larizada e a conseqüente não liberação dos planos de manejo, acabam estimulando a atividade madeireira ilegal.

A enorme pressão da opinião pública, campanhas de organizações não-governamentais e também a fiscalização governamental exigindo das madeireiras a adoção do manejo florestal, no entanto, têm levado a uma diminuição na produção madeireira ilegal e uma procura pela certificação, sobretudo de operações comunitárias.

Preocupado com o risco do negócio, o setor florestal tem buscado um relacionamento mais próximo com as ONGs ambientais e o diálogo já é uma realidade. Embora ainda em estágio inicial, começa a haver a compreensão de que, para assegurar a manutenção da cobertura florestal da Amazônia, é crucial o uso racional das florestas através da adoção do manejo florestal sustentável, o qual mantém a integridade da floresta.

Além disso, começa a haver consenso entre os diversos setores de que é urgente garantir a preservação das áreas com altíssima biodiversidade, através da expansão e efetiva implantação de parques e reservas biológicas, protegendo-os de usos indevidos.

Para tanto, resolver as questões fundiárias é o grande desafio na Amazônia. O Projeto de Gestão de Florestas Públicas, ao permitir a utilização de áreas públicas para o manejo florestal através de concessões, é uma grande oportunidade. O monitoramento externo periódico é fundamental para o controle social e sucesso do projeto.

A mesma visão de risco e oportunidade, que pode alavancar a proteção da Amazônia, tem regido as grandes produtoras de madeira nas regiões Sul e Sudeste, com um crescimento das plantações florestais e da busca pela certificação. Atualmente, a maioria das principais indústrias de chapas de madeira, papel e celulose têm suas áreas certificadas ou em processo de certificação.

As plantações certificadas já representam cerca de 25% do total de área plantada no País e esse número deve chegar a 35% até o final de 2005. Nesse setor, a tendência das grandes empresas é expandir sua produção através de pequenos produtores. Com isso, deixam de investir em terras, resolvem um problema social e de imagem e conseguem aumentar a oferta de madeira no mercado.

Nesse quadro, o Imaflora tem participado ativamente e

atuado como agente de intermediação entre os diferentes atores, trazendo para discussões e realização de projetos conjuntos a iniciativa privada, os setores sociais, as ONGs e setores do governo.

Embora tenha surgido com a perspectiva de utilizar de forma pioneira a certificação florestal e agrícola, o Imaflora evoluiu na percepção das questões relacionadas à certificação, na compreensão de seu papel e na forma como anuncia a sua razão de ser.

Ao longo desses 10 anos, os desafios e questões originais foram sendo ampliados, levando a novas estratégias e campos de atuação, como as políticas públicas, as cadeias de produção e consumo e as questões relativas às práticas de comércio justo e consumo responsável.

A certificação, que na origem foi a razão de ser do Imaflora, é hoje uma ferramenta, ainda que central na estratégia da organização. Com suas ações, o Instituto pretende contribuir para aumentar a conservação de recursos naturais do País; aumentar o bem-estar de assalariados rurais, suas famílias e comunidades ao redor de empreendimentos florestais e agrícolas; elevar a renda e a qualidade de vida de co-

munidades e pequenos produtores florestais e agrícolas; afirmar a viabilidade de um modelo de desenvolvimento com alto desempenho socioambiental; e contribuir para o fortalecimento do movimento socioambiental nacional e internacional.

Andre Giacini de Freitas

Secretário-executivo do Imaflora
no período de fevereiro de 2002 a julho de 2005

Histórico

10 anos em defesa
do meio ambiente.



Foto: Gurupá.

"Sem o Imaflores, não teria acontecido um dos fatos mais notáveis na história do uso dos recursos naturais do continente, ou seja, a extraordinária afirmação da certificação florestal no Brasil. O Imaflores foi quem concretizou um movimento que partiu de diferentes atores.

Seu desafio para a próxima década é o de jogar papel semelhante em relação à certificação agrícola. Para tanto, precisa de um esforço ainda maior, pelo tamanho dos interesses em jogo."

Roberto Smeraldi,
Diretor da Amigos da Terra - Amazônia Brasileira

Conheça, na página 12, os financiadores que viabilizaram as ações do Imaflora durante esses 10 anos.

Confira, também, na página 13, os principais parceiros do Instituto que contribuíram para suas realizações.

O Imaflora iniciou suas atividades há 10 anos, quando a preservação das florestas tropicais começava a fazer parte do debate mundial. A grande novidade, na época, era a criação do Forest Stewardship Council (FSC), ou Conselho de Manejo Florestal, que trouxe, em 1993, uma nova abordagem para enfrentar o desmatamento cada vez mais acelerado: a conservação através do uso das florestas pelo manejo florestal.

A idéia central por trás dessa iniciativa era que as florestas só seriam conservadas se fosse possível a exploração econômica de seus recursos, pautada em critérios sociais e ambientais que possibilitassem sua sustentabilidade no longo prazo. O manejo florestal era uma alternativa concreta de uso da terra para a conservação dos recursos naturais a se somar às estratégias ambientais existentes e uma opção à conversão da floresta para outros usos.

O princípio que norteou a constituição do FSC, por um grupo que incluía madeireiros, silvicultores, ambientalistas, movimentos sociais, povos indígenas e artesãos de 26 países, motivou também profissionais brasileiros ligados ao setor florestal a pensar em uma entidade local, que pudesse implementar o sistema de certificação FSC no País. O resultado foi a criação do Imaflora, a primeira instituição do Hemisfério Sul a trabalhar com a certificação florestal.

Mesmo focando o trabalho inicialmente na implantação de projetos ligados à conservação florestal, o Imaflora já pensava em ampliar seu campo



Projeto de colonização Pedro Peixoto - Acre.

de atuação também para a certificação agrícola, o que realmente começou a colocar em prática em 1996. Aos poucos, porém, a entidade foi percebendo que outros temas complementares à certificação também eram necessários para alcançar seus objetivos. Assim, além da certificação florestal e agrícola, o Instituto passou a se envolver com treinamento e capacitação, políticas públicas e estímulo à comercialização de produtos certificados e comunitários.

Para definir e atender a todas essas demandas, o Imaflora conta com um Conselho Diretor voluntário, que define as linhas gerais de atuação, políticas e programas, que são operacionalizadas pelas equipes administrativa e técnica.

Atualmente, o quadro institucional é composto por 38 pessoas, incluindo 7 no Conselho Diretor, 2 no Fiscal e 5 no Consultivo e 24 colaboradores que atuam na sede, em Piraicaba, e em campo, nos diversos projetos desenvolvidos pelo Instituto.

Nesses 10 anos, o Imaflora priorizou as ações de parceria nos vários âmbitos de atuação e tornou-se reconhecido pela capacidade de facilitar processos de diálogo e negociação entre os diferentes setores de interesse. Outra característica marcante da instituição é o apoio à estruturação de entidades locais, como a Oficina Escola de Luteria da Ama-



Fauna protegida - Klabin.



Oficina Escola de Lutheria da Amazônia - Oela.

zônia (Oela), ou iniciativas conjuntas com diversos parceiros, como o Fórum de Articulação do Comércio Ético e Solidário do Brasil (FACES do Brasil) e o consórcio Alfa, liderado pelo IIEB.

Um bom exemplo da atuação local do Instituto foi o núcleo de Boa Vista do Ramos, no Amazonas, mantido pelo Imaflo- ra por quase cinco anos e que rendeu um grande envol- vimento com lideranças e a comunidade local. O empenho da entidade na capacitação de seus parceiros locais possi- bilitou que o cuidado com manejo florestal comunitário na região tenha sido assumido pela Oela e pela Escola Agro- técnica Federal de Manaus.

FINANCIADORES

Instituições que apóiam o Imaflo- ra:

APOIO INSTITUCIONAL

Fundação Ford
Novib-Oxfam

APOIO A PROJETOS

Avina
Embaixada dos Países Baixos
Fundação Overbrook
GTZ
ICCO
USAID
Rainforest Alliance
União Européia

Instituições que apoiaram o Imaflo- ra:

Earth Love Fund
Funbio
Finep
Fundação MacArthur
Fundação William and Flora Hewlett
Ministério do Meio Ambiente da Holanda
IPGRI
Seater
Governo do Estado do Acre

Amainan
AMCE
Amigos da Terra - Programa Amazônia
Arboreto Universidade Federal do Acre
Associação Holandesa de Investimentos para o Desenvolvimento Sus- tentável (VBDO)
Associação Jequitibá de Agroecologia (AJA)
Associação dos Artesãos de BVR
Associação dos Manejadores de Florestas de BVR (ACAF)
Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP)
Conselho de Comunidades de BVR
Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (CNRBMA)
Consórcio Alfa
CREM Holanda (Consultancy and Research for Environmental Manage- ment)
Centro de Trabalhadores da Amazônia - CTA
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA)
Escola Agrotécnica Federal de Manaus (EAFM)
Esalq/USP
FACES do Brasil - Fórum de Articulação do Comércio Ético e Solidário
Federação Internacional de Trabalhadores da Construção e da Madeira (FITCM)
Fase
FSC Brasil
Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Desenvolvi- mento
Fundação Lyndolpho Silva
Fundação SOS Mata Atlântica
Fundação Vitória Amazônica (FVA)
Greenpeace - Programa Cidade Amiga da Amazônia
Grupo de Trabalho - Manejo Florestal Comunitário (GT-MFC)
Instituto Amazônico de Manejo Sustentável dos Recursos Ambientais (Iara)
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renová- veis (Ibama)
Instituto Biodinâmico (IBD)
Instituto Brasileiro de Educação em Negócios Sustentáveis (IBENS)
Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia (IESB)
Instituto Floresta Tropical (IFT)
Instituto de Pesquisa da Amazônia (IPAM)

Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÉ)
Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (IPEF)
Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon)
Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB)
Instituto Kainós
Instituto Latino-Americano de Desenvolvimento Econômico e Social (ILDES/FES)
Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (Ipema)
Instituto SERE
Instituto Socioambiental (ISA)
Ministério do Desenvolvimento Agrário
Ministério do Meio Ambiente
Oficina Escola de Lutheria da Amazônia
Parque Zoológico Universidade Federal do Acre
Pesacre
Plataforma Brasil RSE
Plataforma Brasil Novib
Prefeitura de Boa Vista do Ramos
Prefeitura de São Paulo
Proambiente Ministério do Meio Ambiente
Proforest
Programa SmartWood
Projeto Iraquara
Rainforest Alliance
Rede de Agricultura Sustentável (RAS)
Rede Mulher
Seater Governo do Estado do Acre
Sebrae
Secretaria Estadual de Florestas do Acre
Secretaria de Desenvolvimento Sustentável do Amazonas
Senai Itatiba
The Nature Conservancy
Universidade da Flórida
Universidade de São Paulo (USP)
Universidade Estadual de São Paulo (Unesp)
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Visão Mundial
Vitae Civilis
Viva Rio



Sede do Imaflora: A experiência na prática.

Um dos maiores cartões postais das idéias do Imaflora é sua própria sede, em Piracicaba, interior de São Paulo. Inaugurado em 2003, o prédio foi construído totalmente com madeira certificada ou proveniente de projetos de manejo florestal comunitário em processo de certificação, dos pilares de sustentação aos móveis e objetos de decoração. Mas não é apenas isso.

A sede foi projetada para garantir o máximo conforto térmico, sem precisar de ar condicionado ou ventilador. Uma abertura no teto assegura a saída do ar quente e a ventilação natural. Paredes duplas mantêm o calor do lado de fora. Além disso, privilegia a luz solar, dispensando lâmpadas acesas durante o dia.

Foram utilizadas oito espécies diferentes de árvores: eucalipto, pinus, jatobá, massaranduba, itaúba, garapeira, sucupira e angelim de 21 fornecedores diferentes, entre os quais estão os índios Xikrin do Catatê (Pará) e a comunidade extrativista de Costa Marques (Rondônia).

Outra experiência inovadora é o banheiro da edícula. No térreo, ficam a pia e o chuveiro, onde a água servida, depois

da decantação, irriga as plantas do jardim. No andar superior, está o banheiro compostável, com dois vasos sanitários, ligados a câmaras de biodigestão, que produzem adubo orgânico para plantas ornamentais.

A construção foi possível graças a recursos próprios da instituição, mas também através da colaboração de financiadores e doadores, além do apoio de diversas universidades, com destaque para o Grupo de Pesquisa em Habitação e Sustentabilidade da Escola de Engenharia de São Carlos/USP - Habis e do Grupo de Estudos sobre a Qualidade nas Edificações da Universidade Federal de São Carlos - GEsQE.



Visão lateral da sede do Imaflora.

Certificação Florestal

10 anos de respeito
à floresta e às
comunidades.



Foto: Comaru.

“O Imafloresta cumpriu um papel essencial, porque foi a instituição que colocou a certificação na pauta e contribuiu para que ela pudesse, no Brasil, rapidamente adquirir importância e expressão extremamente significativas. Graças a isso, temos hoje vários processos certificados e em curso, demonstrando inclusive a viabilidade do manejo sustentável em floresta nativa. Isso é uma contribuição inestimável do Imafloresta, que agora está permitindo avanços significativos no uso sustentável da Amazônia, por exemplo.”

*João Paulo Capobianco, Secretário de Biodiversidade e Florestas,
Ministério do Meio Ambiente*

“O Imafloresta é uma entidade idônea, com pessoal competente e conceito equilibrado sobre os problemas ambientais. São excelentes parceiros e orientadores extremamente úteis para o nosso desenvolvimento.”

*Augusto Antonio Frâncio, Diretor da Frame Madeiras Especiais Ltda. e
da Juliana Florestal Ltda., ambas certificadas pelo Imafloresta*

- A maior área de manejo florestal certificada através da parceria Imaflora/Smartwood é de 224.502 ha e a menor é de 69 ha.
- As empresas representam 97,3% da área certificada e as comunidades 2,7%.
- Estados brasileiros com áreas certificadas: Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia e Santa Catarina.

O Imaflora foi a primeira instituição brasileira a atuar com a certificação FSC no País, através de uma parceria com o Programa SmartWood da Rainforest Alliance, o mais antigo programa de certificação florestal do mundo, credenciado pelo FSC Internacional.

Nestes 10 anos, além de beneficiar um grande número de trabalhadores e comunidades envolvidos com a atividade florestal, que passaram a ter melhores condições de trabalho e rendimento, a certificação tem mostrado à sociedade que é possível explorar recursos florestais de maneira responsável.

Desde que iniciou suas atividades, o Instituto foi o responsável pela recomendação de certificação em mais de um milhão de hectares, distribuídos em 30 projetos de manejo florestal, dos quais 12 estão em florestas naturais e 18 em plantações florestais.

O sucesso desses empreendimentos tem comprovado a importância da certificação para manutenção das florestas brasileiras, já que até então garantir a produção de madeira ambientalmente correta, socialmente benéfica e economicamente viável, sobretudo em florestas nativas, era considerado uma missão quase impossível.

A viabilidade do manejo florestal em matas nativas começou a ser demonstrada pelo Imaflora no País a partir da concessão do primeiro selo FSC para uma floresta natural na Amazônia brasileira, em 1997.

A certificação SmartWood/Rainforest Alliance foi concedida para uma área de 82 mil hectares da Mil Madeireira, em Itacoatiara, no estado do Amazonas. Por intermédio do Instituto e a parceria com o SmartWood/Rainforest Alliance, o selo FSC chegou em 2002 também pela primeira vez, a um projeto comunitário no Brasil, o Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes, no Acre, que reunia inicialmente 10 famílias. Atualmente já são 19, com a possibilidade de inclusão, pela própria comunidade, de 10 novas famílias a cada ano.

Em 2003, o Imaflora inovou mais uma vez, ao viabilizar a certificação de produto florestal não-madeireiro para a Ervateira Putingense, de Putinga, no Rio Grande do Sul, onde a erva-mate é produzida no interior da mata nativa, preservando espécies ameaçadas como a araucária e imbuia, entre outras. Essa foi a primeira certificação de área natural no Domínio da Mata Atlântica. Neste mesmo ano, foi certificado o primeiro produto não-madeireiro na Amazônia, a copaiaba da Associação Seringueira Porto Dias, do Acre.

Paralelamente, a certificação de plantações florestais acompanhadas pelo Imaflora tem garantido sustentabilidade para a atividade madeireira e conservação de áreas de

Mata Atlântica e Cerrado Brasileiro, nas regiões Sul e Sudeste. São 18 empresas certificadas, de diferentes portes e objetivos, entre elas um grupo com três produtores florestais - a primeira certificação em grupo do Brasil. Além do benefício direto, relacionado à organização da gestão florestal em planos de manejo - que confere alto desempenho socio-ambiental ao empreendimento -, as empresas com selo FSC têm conseguido ganhos econômicos, através da diferenciação no mercado e da conquista de clientes que exigem a certificação.



Manejo na Mil Madeireira.



Extração da Erva-Mate

As plantações, principalmente de eucaliptos e pinus, mas também de araucária, acácia negra e teca, correspondem a 75,5% do total da área certificada pelo Programa SmartWood/Rainforest Alliance e Imafloira no Brasil. Além de minimizarem o impacto sobre novas áreas de florestas nativas, essas plantações florestais têm garantido ainda um estoque de reservas naturais. Dos mais de 800 mil hectares certificados, 485 mil hectares são destinados aos plantios comerciais e quase 280 mil hectares são destinadas à conservação, distribuídas em Reservas Legais, Áreas de Preservação Permanente e Reservas Particulares do Pa-

trimônio Natural, o que corresponde a 34% da área de plantações certificada. O restante da área é utilizado com infraestrutura da propriedade, como sede e estradas.

Outro avanço, no caminho para garantir o uso sustentado dos recursos naturais, é a certificação da cadeia de custódia para fabricantes, compradores, vendedores ou distribuidores de produtos florestais certificados brasileiros. Essa certificação consiste no rastreamento da matéria-prima da floresta até o consumidor final, garantindo a origem certificada no produto, seja ele feito a partir da madeira (de floresta natural ou plantada) ou de outros produtos florestais não-madeireiros.

Até junho de 2005, o número de certificações de cadeia de custódia acompanhadas pelo Imafloira atingiu a marca de 111 empreendimentos, o que representa 63% do total de cadeias de custódia no Brasil. O quadro de clientes do Instituto abrange desde micro-empresas, como designers e marceneiros, até grandes grupos, como a Suzano Bahia Sul e a Klabin, no setor madeireiro, e Natura, importante empresa do setor de cosméticos e cuidados pessoais.

Além do aumento da demanda por produtos com selo FSC, a aprovação do projeto de concessão de florestas públicas

poderá trazer um grande impulso para o manejo e a certificação florestal no médio prazo, já que o crédito e a capacitação na área também estão melhorando. O projeto está baseado na concessão de florestas em terras públicas para manejo florestal para produção de madeira e produtos não-madeireiros, como óleos, essências, frutos, sementes etc. Tem como princípios a proteção dos ecossistemas, do solo, da água, da biodiversidade e valores culturais associados e do próprio patrimônio público através de atividades que promovam o uso eficiente e racional das florestas brasileiras. Essa legislação deverá colaborar também para minimizar o maior entrave para a expansão da certificação na Amazônia, que é a confusa situação fundiária na região.



Cadeias de custódia avaliadas pelo Imafloira no Brasil

Total de empresas Produtos disponíveis

Plantações	79	Quase todos os usos de madeira para construção civil, móveis, objetos de decoração, papel e celulose, entre outros.
Florestas Naturais	21	Lâminas e compensados, móveis, portas, instrumentos musicais, assoalhos, redes de balanço, objetos de decoração, cabos para pincéis e vassouras, brindes e artesanato.
Florestas Naturais	11	Fitoterápicos e fitocosméticos, erva-mate para chimarrão, óleos essenciais e aromáticos, extratos vegetais, biscoito e farinha de castanha, castanha dry, amêndoa de castanha, óleos vegetais, manteiga, lâminas de couro vegetal e borracha.

As expectativas de crescimento na área de plantações, por sua vez, deverão estar focadas nos pequenos e médios produtores, na medida em que avance a certificação em grupo. Isso porque as grandes indústrias de papel, celulose e chapas de madeira ou já estão certificadas ou estão em processo de certificação.

Plantação de Eucaliptos.

Um dos grandes desafios da certificação florestal, atualmente, tem sido viabilizar essa ferramenta para comunitários e pequenos produtores, que têm como principais empecilhos os custos e a dificuldade de adaptação aos padrões de certificação. Nesse contexto, o Imaflora tem trabalhado internamente para tornar a certificação mais acessível para esse público.

O fundo social é um dos mecanismos adotados. Formado a partir de uma porcentagem da receita obtida pela certificação de médias e grandes empresas, esse fundo é utilizado para subsidiar a certificação de manejo florestal comunitário e de pequenos produtores. Esse projeto tem resultado na abertura de novos mercados, valorização da floresta pelos comunitários e produtores florestais, melhoria na qualidade de vida dessas populações e algumas vezes sobrepreço nos produtos certificados.

Atualmente, o Imaflora é a entidade pioneira em promover o manejo florestal comunitário certificado e, em conjunto com o Programa SmartWood/Rainforest Alliance, é respon-

sável por praticamente todas as certificações FSC comunitárias e todas as de produtos florestais não-madeireiros hoje existentes no Brasil.

Apesar da certificação de manejo florestal comunitário ser recente no Brasil, a perspectiva é de crescimento, com expectativa de terminar 2005 com 15 áreas certificadas. Até o momento, nove processos foram certificados e seis estão em processo de certificação.



Extração do óleo de copaiba.

Certificação Agrícola

Foto: Associação dos Amigos e Moradores do Bairro Guapiruvu - Sete Barras - SP.

10 anos buscando a
produção sustentável.



“Quando resolveu trabalhar com certificação agrícola, o Imaflores não inventou nada sozinho, foi buscar o que seus parceiros já estavam desenvolvendo e trouxe o RAS. Mas o melhor, é que não fez apenas uma adaptação, mas uma nova proposta de certificação, muito mais adequada a um país como o Brasil, que é uma potência agrícola. O Imaflores inovou, internacionalmente, ao não mais falar em certificação de um produto, mas fazer uma proposta que serve para várias culturas e valoriza a propriedade como unidade de planejamento ambiental, inserida em uma bacia hidrográfica e em uma determinada área florestal. Com isso, você garante toda a produção daquela propriedade, todos os produtos, e não apenas uma commodity. Com isso, valorizou o proprietário e a região onde a fazenda está inserida. É esse caráter inovador que diferencia o Imaflores.”

Mário Mantovani,
Diretor da Fundação SOS Mata Atlântica

O produto de maior destaque do Programa de Certificação Agrícola é o café, com 16 fazendas certificadas, de 6 empresas, com um total de 19.553 hectares em área total, dos quais 8.148 ha estão plantados com café e aproximadamente 8.000 ha são ecossistemas naturais em conservação.

A certificação agrícola pode resultar em avanços significativos para a conservação dos recursos naturais e contribuir para o bem-estar de trabalhadores e comunidades rurais. Esta premissa faz parte do ideário do Imaflora desde sua fundação e começou a dar maiores frutos em 2000, após a estruturação, em 1998, da Rede de Agricultura Sustentável (RAS) ou, em inglês, Sustainable Agriculture Network (SAN), da qual o Imaflora participa ativamente e é membro fundador. O Imaflora teve uma participação importante no processo de criação da rede, sobretudo no debate por relações equilibradas, além da criação de padrões gerais comuns.

A rede também é composta pela Rainforest Alliance, Fundacion Interamericana de Investigacion Tropical (Guatemala), Conservacion y Desarrollo (Equador), Salvanatura (El Salvador), Fundacion Natura (Colômbia), Icade (Honduras) e Pronatura Chiapas (México) e usa o selo Rainforest Alliance Certified, cujos princípios são: conservação dos ecossistemas naturais, proteção da vida silvestre, tratamento digno e correto dos trabalhadores, relações comunitárias, manejo integrado de pragas e doenças, manejo integrado de resíduos, conservação dos recursos hídricos, conservação dos solos, planejamento e monitoramento.

Em agosto de 2005, o Imaflora contava com 10 empreendimentos agrícolas certificados e três em processo de certificação. O programa tem contribuído para a conservação e a recuperação de áreas de Mata Atlântica e Cerrado em regiões onde esses ecossistemas estão muito ameaçados.

Além disso, há cerca de 4.900 trabalhadores envolvidos e uma produção média de 150.000 sacas de café ao ano.

Mesmo estando no Sudeste, a certificação também tem contribuído para mudanças nas condições de trabalho e para a diminuição do uso de agrotóxicos nas lavouras. Com a garantia de qualidade do produto e de um manejo socioambientalmente correto, essas empresas conseguem penetração em nichos diferenciados de mercado, garantindo melhores preços para sua produção.

Apesar dos avanços, ainda existem alguns desafios em relação à certificação agrícola, como o fato do consumidor brasileiro ainda não entender que produto agrícola, seja alimento, produto de limpeza, álcool do carro ou tecido de algodão, têm relação com meio ambiente e qualidade de vida de trabalhadores e comunidades rurais. Além disso, há várias iniciativas internacionais de certificação agrícola, com resultados interessantes, como a certificação orgânica ou de comércio justo.

Faltam políticas públicas de estímulo à certificação, enquanto a realidade da agropecuária brasileira está muito longe de um desempenho socioambiental certificável. Na Amazônia, por exemplo, a certificação seria hoje bastante



Colheita de café - A. C. Agro Mercantil.

difícil para uma grande parte da região devido a problemas fundiários e de cumprimento do código florestal. No entanto, há empresários e produtores pioneiros já certificáveis e até certificados, mostrando que respeito ao meio ambiente e aos direitos dos trabalhadores são um bom negócio.

A certificação agrícola está sendo estimulada pelo interesse de consumidores internacionais, sobretudo da Europa, Japão e EUA para produtos agrícolas responsáveis, e pela pressão de ONGs sobre traders (normalmente grandes multinacionais), que produzem ou compram enormes quantidades de commodities.

Nesse sentido, é preciso separar as culturas agrícolas em duas frentes. Em primeiro lugar, as commodities necessitam de pressão social para que sejam certificáveis, pois o consumidor não consegue ver soja, milho ou algodão na prateleira. Já as culturas que possuem um produto visível, podem ser motivadas por nichos de mercado, como café, cacau (chocolate), cana-de-açúcar, frutas para mesa e sucos. Há uma mistura entre casos, pois açúcar, cacau e suco de laranja são commodities, mas também são vendidos como produtos finais.



Controle de pragas na Ipanema Agrícola.

O desafio, para o Imaflora, é como fazer a certificação socioambiental agropecuária beneficiar também os pequenos produtores. Enquanto para grandes e médios, a certificação traz benefícios econômicos que realmente viabilizam transformações socioambientais, para os pequenos os custos diretos e indiretos da certificação acabam inviabilizando o processo, exceto em certificação de grupos, como as cooperativas, por exemplo. Para estes, o Instituto também tem trabalhado com outras ferramentas, como o comércio ético e solidário.

A primeira atividade do Imaflora na área agrícola foi a elaboração de padrões de avaliação e certificação da cana-de-açúcar, um projeto que durou de 1996 a 1998. O projeto teve um grande significado político e o principal papel da instituição foi sensibilizar e envolver as partes interessadas, num processo de negociação de conflitos e construção de consenso, uma especialidade do Instituto a partir de sua experiência no sistema do FSC, onde o processo de definição de padrões é baseado na representação e no equilíbrio entre as partes.

Essa expertise foi importante principalmente porque o setor sucroalcooleiro é complicado politicamente, com grandes conflitos entre empresários (usineiros), produtores, sindicatos e ambientalistas. Não havia uma cultura de negociação entre as partes, o Imaflora era desconhecido e a proposta de certificação socioambiental era muito inovadora, tornando o terreno muito desfavorável. Além disso, o momento era tenso, pois se discutia uma eventual retomada do Proálcool e a eliminação da queimada da cana no Estado de São Paulo, com inúmeras divergências entre usineiros e movimentos sociais.

Apesar de tudo, foi realizado um processo bastante representativo do setor, envolvendo usineiros, produtores e suas associações, ONGs nacionais e de base, pesquisadores e organizações sindicais, inclusive CUT e Contag. Um dos fatores de sucesso nessa negociação foi a parceria com a Fase Nacional, fundamental para inserir o Imaflora nos movimentos sociais e sindicais.

Foram realizados três workshops, dois processos de consulta e uma assembléia final. O processo resultou tanto em padrões, como em um arranjo institucional, mesmo que informal, que permitia realizar certificação socioambiental da

cana-de-açúcar e fornecer o selo verde para uma usina.

Apesar do sucesso político do projeto, porém, até o momento nenhuma usina ou produtor de cana-de-açúcar foi certificado. Isso aconteceu porque, por ser um certificador, o Imaflora não pôde dar continuidade à articulação do projeto. Após desenvolver os padrões, precisou sair de cena para poder certificar.

Outro entrave foi a falta de mercado para açúcar ou álcool certificado, principalmente devido ao não envolvimento do Estado, seja nacional ou estadual, e a conseqüente falta de incentivo para alguém se certificar. Ficou a grande lição de que, além da consistência do processo político, estímulos econômicos, públicos ou privados, são fundamentais para a implementação de um programa de certificação.

A consistência e credibilidade do processo, no entanto, projetou o Imaflora na área agrícola nacional, dando condições (nome, projeção, credibilidade e legitimidade) para atuar também em outras culturas, inclusive com certificação, a partir de 2002.



Produção de café cereja.

“A palavra-chave para definir o Imaflora é fundamental. O processo de certificação é um processo educativo, o que é uma especialidade do Instituto, um exemplo de processo bastante rígido de certificação. Ter o Imaflora no Brasil e saber que é uma instituição brasileira é um motivo de orgulho.

Além disso, tem a capacidade de fazer da inspeção não um motivo de temor, mas uma oportunidade de aprender, já que sugere coisas, oferece alternativas, tornando a inspeção um processo de educação.

O selo da Rainforest Alliance deu credibilidade e respeito ao nosso produto, que não teríamos sem ele. Nossa fazenda já nasceu para ter adequação ambiental, mas sem o reconhecimento internacional, não conseguíamos transferir para o produto o custo disso.”

*Luís Norberto Pascoal,
Diretor da Daterra Café*



Associação de amigos e moradores do bairro de Guapiruvu - AGUA.

Treinamento e Capacitação

Foto: Curso Itacoatiara 2002.

10 anos capacitando
para o manejo.



"Visando a formação de massa crítica, a discussão e capacitação técnica, o Imaflora criou o Programa de Treinamento em Certificação que, pela própria novidade do tema, veio fazer parte do cerne do Instituto, dando suporte para a veiculação de informações, debates sobre a certificação e a capacitação profissional.

O Programa não teve o intuito único de capacitar profissionais para atuar como certificadores e, dessa forma, o conceito da certificação florestal e o próprio Imaflora foram conquistando espaço junto à sociedade e levando à frente o conceito do bom manejo florestal e da responsabilidade social, política e cultural.

Por fim, o Imaflora é, como instituição, uma casa de formação e qualificação profissional. Fico feliz pelos 10 anos do Instituto e agradeço por ter tido a oportunidade de acompanhar o seu desenvolver neste período e ter sido um dos profissionais também qualificado pelo Programa."

Philippe Waldhoff,
Escola Agrotécnica Federal de Manaus

O conhecimento acumulado ao longo destes 10 anos na área de manejo e de certificação foi perpetuado em uma série de publicações produzidas pelo Imaflora, muitas vezes em parceria com outras instituições. São livros, manuais, cartilhas, voltados para os mais diferentes públicos, a maioria disponível nas versões impressa e no site do Instituto (www.imaflora.org), sempre buscando aumentar a acessibilidade das informações.

Um dos principais objetivos do Imaflora é procurar minimizar a falta de conhecimento sobre manejo no País e traduzir a certificação para os diversos grupos de interesse, mostrando os benefícios e oportunidades para cada segmento. Além disso, o Programa de Treinamento e Capacitação busca a formação de profissionais preparados para implantar efetivamente o bom manejo florestal e para avaliar empreendimentos com fins de certificação.

Esse trabalho é realizado sobretudo através de publicações e promoção de eventos e cursos, voltados para diversos públicos. Cerca de 1.000 pessoas já foram treinadas pelo Imaflora, tanto nos cursos de facilitadores e auditores para certificação florestal FSC - o principal foco do Instituto -, quanto nos demais cursos e seminários destinados essencialmente à divulgação dos conceitos de bom manejo e de certificação florestal e agrícola.

As primeiras iniciativas na área de capacitação foram a realização de eventos voltados para públicos diferenciados, como formadores e divulgadores de opinião, pessoas impactadas pela certificação e formuladores de políticas públicas.

O objetivo era deixar clara a mensagem da certificação - produção socialmente benéfica, ambientalmente adequada e economicamente viável - e mostrar os mecanismos envolvidos em todo o processo da certificação.

Uma das iniciativas mais significativas nesse sentido foi a criação, junto com a Escola Agrotécnica Federal de Manaus, do primeiro curso de Pós Técnico Florestal da Amazônia, uma complementação do curso técnico agrícola com enfoque florestal. Até então, existiam mais de 20 cursos de técnico agrícola na Amazônia e nenhum curso de nível médio na área florestal.

O Imaflora estimulou, ainda, a Fundação Floresta Tropical (FFT) a criar um extenso programa de formação de equipes de exploração florestal de impacto reduzido (EIR). Esse programa hoje é um dos mais reconhecidos e qualificados em treinamento de EIR na América Latina e um dos principais no mundo.

A partir de 2001, com a formalização da iniciativa nacional do FSC no País, o Imaflora foi deixando, aos poucos, a tarefa de divulgar a certificação para o FSC Brasil e passou a concentrar esforços na capacitação de facilitadores e auditores para certificação florestal, tanto em florestas naturais, na Amazônia, quanto em plantações, nas regiões Sul e Sudeste. Os primeiros, capacitados para entender como o processo de certificação funciona, são aqueles que implantam sistemas de manejo. Já os auditores são técnicos capacita-

dos para realizar as avaliações de certificação.

Idealizado em parceria com o Programa SmartWood, o curso intensivo de capacitação em avaliação, monitoramento e certificação florestal - dirigido a profissionais que vão trabalhar em avaliações e atividades de certificação -, foi uma iniciativa pioneira mundialmente. Até o momento, 237 facilitadores e auditores foram treinados pelo Imaflora.

O impacto desses cursos nos empreendimentos aos quais os participantes estão ligados é evidente, como mostra



Curso para comunidades.

uma pesquisa realizada entre eles: 71% iniciaram o processo de certificação e 14% foram certificados. Somente 12% dos empreendimentos influenciados não se interessaram pela certificação. Na avaliação de 71% dos alunos, o curso contribuiu para melhorar o manejo dos empreendimentos.

Segundo a pesquisa, a maior parte dos participantes atua facilitando o processo de certificação, isto é, preparando empreendimentos para se certificar (36%) ou na difusão do tema para outros grupos de interesse (27%).



Além disso, há os que atuam nas políticas de certificação (13%), influenciando empreendimentos florestais rumo à certificação (13%) ou como auditores de processos de certificação (11%).

Embora a maioria trabalhe em projetos empresariais e de floresta natural, muitos atuam em projetos de plantações, produtos florestais não-madeireiros e projetos comunitários. De modo geral, os empreendimentos são de tamanho pequeno e médio, mas participantes dos cursos também atuam ou influenciam grandes empresas.

O Imaflora, porém, continua sendo referência para debater e elucidar questões sobre a certificação para diversos pú-



blicos, como trabalhadores, arquitetos e designers, projetos de manejo comunitário, entre outros. Além disso, o Programa de Treinamento vem dedicando esforços junto à sociedade brasileira para tornar a certificação compreensível pelas comunidades e pequenos produtores.

Um exemplo desse tipo de atividade foi o workshop sobre Produtos Florestais Não-Madeireiros na Indústria de Cosméticos e Fitoterápicos, realizado em 2002, em Alter do Chão, no Pará, pelo Imaflora e Rainforest Alliance, em parceria com o IIEB, Imazon e apoio da USAID.



Oficina Santarém 2002.



Curso FFT 2003.

O encontro teve como objetivos principais discutir o processo de utilização de produtos da floresta pela indústria de cosméticos e fitoterápicos, além de debater formas de ação e interação entre diferentes atores para a promoção do uso sustentável dos recursos de base florestal nessa indústria.

O evento reuniu cerca de 90 participantes e promoveu o intercâmbio entre empresas, produtores, ongs, pesquisadores, instituições financiadoras, reguladoras, entre outras, tendo como produto propostas de ações e cooperação entre os representantes dos diversos setores.



Curso Botucatu 2004.

"Pioneirismo e qualidade traduzem bem as iniciativas do Imaflora na área de treinamento e capacitação.

Pioneirismo por contribuir para a criação, há 10 anos atrás, de um programa de treinamento que envia profissionais para passar 20 dias, literalmente com a mão na massa, aplicando as melhores técnicas de manejo e exploração florestal em plena floresta amazônica.

Pioneirismo por contribuir para a criação de curso técnico florestal na Amazônia, quando a demanda por estes profissionais na região apenas começava, e para a formação de jovens da floresta com valores sociais a partir do manejo.

Pioneirismo por levar a informação sobre certificação florestal e agrícola ao mais variado público, quando esse tema ainda era recheado de muitas dúvidas, descrenças e tabus.

Qualidade por, passados 10 anos, essas iniciativas serem referências na suas respectivas áreas.

Outra palavra que traduz esse trabalho é parceria. O Imaflora teve a visão estratégica e buscou trabalhar com diver-

sas instituições e pessoas para consolidar sua ação na área de treinamento e capacitação. "

*André da Silva Dias,
Centro Nacional de Apoio ao Manejo Florestal (Cenaflor),
Diretoria de Florestas do Ibama*



Curso para comunidades.

Desenvolvimento de Mercados

10 anos incentivando
o consumo
responsável.



Foto: Comaru.

“Conheço o Imaflores desde que era coordenadora do Grupo de Compradores de Produtos Certificados e fizemos vários eventos juntos, alguns de capacitação e outros para desenvolvimento de mercado.

Em 2004, trabalhamos juntos na Feira de Produtos Certificados FSC, considerada um marco para toda a rede do FSC Internacional. Essa foi a primeira vez que uma feira foi realizada em um país produtor de madeira - as anteriores sempre foram em países compradores (Estados Unidos e Europa) - e o Imaflores teve um papel fundamental desde a idealização até a efetivação do evento, que será repetido em 2006.

Agora, o FSC Brasil está coordenando uma campanha de marketing integrado, para fortalecer as ações e agendas das organizações. Para tanto, estamos juntando as experiências e o Imaflores, mais uma vez, está sendo um parceiro muito proativo.”

Ana Yang,
Secretária-Executiva do FSC Brasil

A 1ª Feira Brasil Certificado, realizada em São Paulo, em abril de 2004, reuniu 50 expositores, formados apenas de empresas e comunidades com certificação FSC e teve quase 5.000 visitantes em três dias de evento, sendo 117 estrangeiros, provenientes de 27 países.

O bom manejo florestal e agrícola só se concretiza na medida em que exista demanda para produtos dessa natureza. Por conta disso, o Imaflora tem entre suas prioridades ações e políticas voltadas para produção, comercialização e consumo responsáveis de produtos de origem agrícola ou florestal, efetivadas através de vários projetos desenvolvidos pelo Programa Desenvolvimento de Mercados.

Entre os objetivos desse Programa estão promover e contribuir para organizar a demanda e a oferta de produtos florestais e agrícolas certificados, trabalhar com organizações interessadas em incluir a certificação em suas políticas de compras de produtos e em suas ações de responsabilidade empresarial, além de melhorar a comunicação entre fornecedores e compradores de produtos certificados, nos mercados nacional e internacional.

Uma das primeiras ações do Imaflora nessa área aconteceu entre 1996 e 1997, com um estudo, encomendado por um série de entidades - que agregava a agência alemã GTZ, da ong Programa da Terra (Proter) e a Associação dos Caixeteiros de Iguape -, para encontrar alternativas de mercado para a madeira de caixeta, uma espécie típica da Mata Atlântica, cujos estudos para manejo sustentável e certificação também estavam sendo efetuados.

Durante o trabalho, foram contatadas inúmeras empresas, desde usuárias tradicionais de caixeta, como a Faber Castell, fabricantes de próte-

ses humanas e de tamancos, até novos usos, como tampas e embalagens de madeira para O Boticário. Durante o processo, o Imaflora ajudou a Associação a desenvolver amostras para apresentar às empresas e participou das reuniões para facilitar a comunicação. O estudo colaborou para uma visão bastante realista do potencial não muito variado da madeira de caixeta. Talvez por isso mesmo, ou pela pouca estrutura da Associação para seguir em frente, o projeto não teve continuidade.

Em 1999, o Imaflora firmou com a Amigos da Terra - Amazônia Brasileira e o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) uma aliança para o consumo sustentável de produtos florestais. O primeiro produto dessa parceria foi o estudo Acertando o Alvo - Consumo de Madeira no Mercado Interno Brasileiro e Promoção da Certificação Florestal, publicado com apoio da agência alemã GTZ. O objetivo foi suprir a falta de dados confiáveis sobre consumo de madeira, mostrando uma informação ainda pouco conhecida: o fato de que a maior parte da madeira extraída na Amazônia é comercializada no mercado interno, sobretudo nas regiões Sul e Sudeste, e apenas 14% era destinada ao exterior. Um novo estudo, ainda mais detalhado, foi realizado em 2001 e publicado pelos mesmos parceiros. Acertando o Al-

vo 2 - Consumo de Madeira Amazônica e Certificação Florestal no Estado de São Paulo mostra que, em São Paulo, o maior consumidor nacional de madeira amazônica, o principal uso da madeira é na construção civil e que há uma demanda para madeira certificada de aproximadamente 10% (1,2 milhão de metros cúbicos em tora) do volume total consumido no Estado.

Perseguindo o objetivo de criar mercado para os produtos certificados, essas mesmas entidades ajudaram a fundar, sob a liderança da Amigos da Terra, no ano 2000, o Grupo de



Embaladeira de castanhas - Comaru.

Compradores de Produtos Florestais Certificados - nome atual do Grupo de Compradores de Madeira Certificada. Focado, agora, no outro elo da cadeia, as entidades ajudaram a criar, sob a liderança do Imazon, o Grupo de Produtores Florestais Certificados na Amazônia, cujo objetivo é lutar por políticas que viabilizem e incentivem a maior adesão às práticas do FSC.

A 1ª Feira Brasil Certificado, desta vez liderada pelo Imaflo- ra, em parceria com o FSC Brasil, o Imazon e a Amigos da Terra, foi realizada em São Paulo, em abril de 2004, e mos-



Ministra Marina Silva na I Feira Brasil Certificado.

trou os primeiros resultados de todo esse processo. Com 50 expositores, formados apenas de empresas e comunidades com certificação FSC, teve quase 5.000 visitantes em três dias de evento, sendo 117 de fora do País, provenientes de 27 países. Entre os expositores, 80% declarou que a feira superou as expectativas de negócios.

O evento foi considerado tão estratégico pelo Imaflo- ra, que a segunda versão da Feira, agora em parceria com o FSC Brasil e Imazon, será realizada também em São Paulo entre 18 e 20 de abril de 2006.

Desta vez, contará também com a presença de produtos certificados FSC de outros países da América Latina.

Focado nas políticas de compras para produtos florestais por grandes empresas, o Instituto lançou, em parceria com o Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Ge- túlio Vargas (CES-FGV), o Projeto Consumo Verde. Iniciado no final de 2004, o projeto tem feito contatos e procurado comprometer grandes produtores de alimentos e papel, grandes consumidores de embalagens, gráficas, entre ou- tros. A filosofia do programa é gerar demanda para influen- ciar a cadeia produtiva.



Produtos feitos com madeira certificada FSC.

Com isso, o Imaflo- ra pretende aumentar a presença no mer- cado de produtos como o papel da Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S/A, que, desde o final de 2004, produz papel 80% certificado FSC. Isso foi possível com a certificação tanto do manejo das plantações, como do processamento indus- trial da fábrica de celulose e papel.

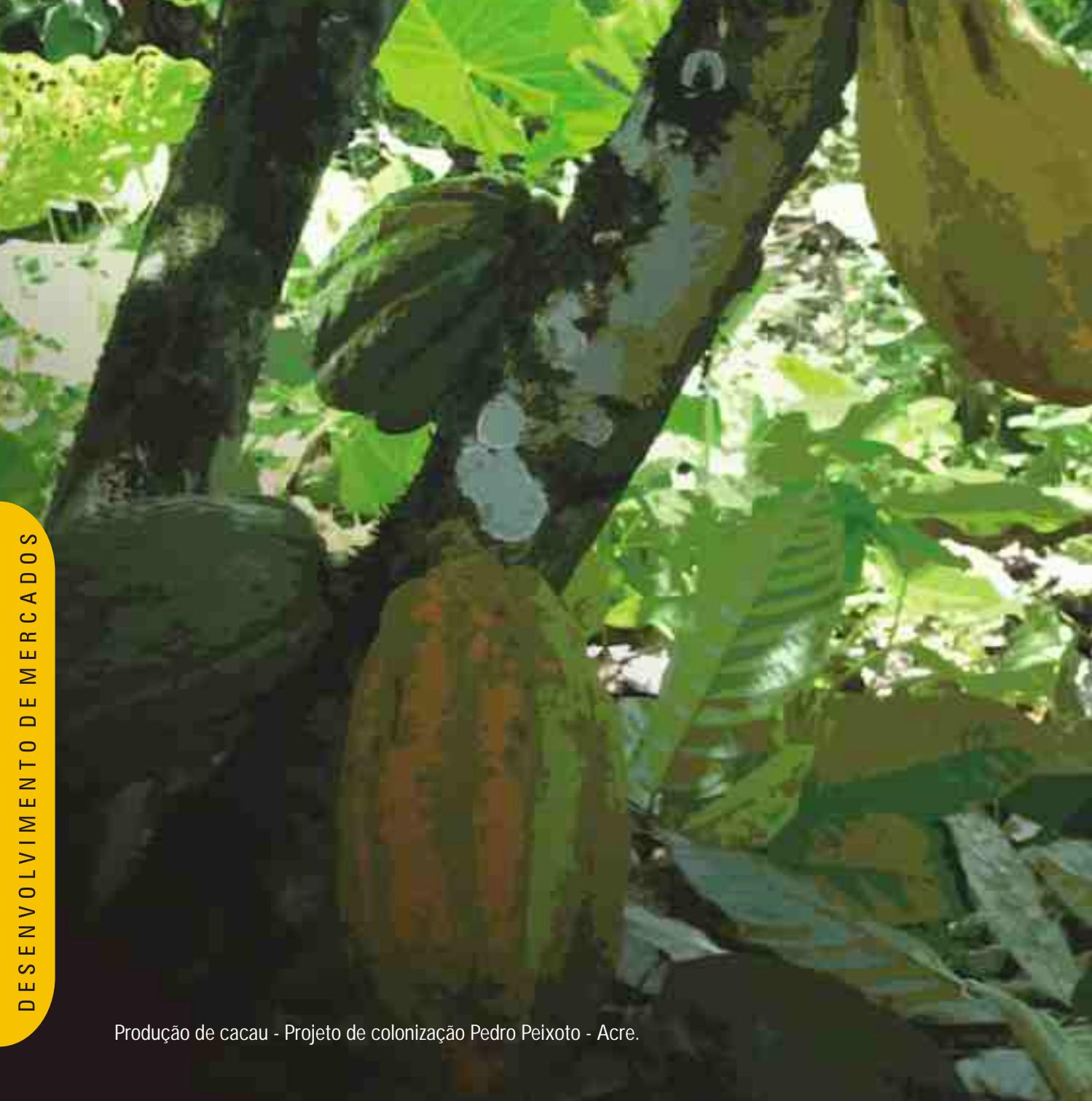


Castanhas coletadas pela Comaru.

Destino da produção madeireira da Amazônia*

Regiões	Madeira em Tora (Milhões de m3)	Participação %
Amazônia Legal	2,7	9,7
Centro-Oeste (sem Mato Grosso)	1,5	5,4
Nordeste (sem Maranhão)	4,0	14,4
Sudeste	10,4	37,4
Sull	5,2	18,7
Externo	4,0	14,4
Total	27,8	100,0

* Fonte: Imazon (1997)



Produção de cacau - Projeto de colonização Pedro Peixoto - Acre.

Desenvolvido em parceria com o FSC Brasil e demais certificadoras que atuam no País, o Imaflora participa ainda de um projeto que está organizando informações sobre a produção e o comércio de produtos certificados FSC. A primeira fase, em andamento, é o desenvolvimento de um sistema de informações que irá facilitar a busca e comercialização de matérias-primas e produtos. O diferencial do projeto é possibilitar a atualização dos dados pelas próprias empresas, fornecendo informações reais para compradores nacionais e internacionais.



Produtos feitos a partir de matérias-primas certificadas.

Políticas Públicas

Foto: Boca do Acre - AM.

10 anos de luta
pelo bom manejo.



“O Imaflores é parte integrante do Grupo de Trabalho de Florestas do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento desde a sua criação. A contribuição do Instituto ao GT tem sido de enorme importância, em função de sua qualidade técnica e de seu comprometimento com uma política florestal efetivamente sustentável em todos os seus aspectos. Destaco a habilidade na interlocução com diferentes segmentos da sociedade, do governo e do setor empresarial como uma de suas principais características. Da mesma forma, é importante a capacidade que o Instituto demonstra em atuar como certificador e como agente político sem que uma atividade interfira na outra, agregando a cada uma delas o conhecimento apreendido em ambas, de forma a potencializar sua intervenção. Além disso, para as políticas públicas socioambientais, o Imaflores tem tido o importante papel de formador de quadros técnicos e de opinião, especialmente junto a setores empresariais e financeiros para os quais a temática socioambiental ainda é novidade.”

Adriana Ramos, Coordenadora do Programa de Política e Direito Socioambiental do Instituto Socioambiental e Coordenadora do Grupo de Trabalho de Florestas do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento



O Imaflora contribuiu para o planejamento e mapeamento participativo para o uso da terra em Boa Vista do Ramos, no Amazonas. Juntamente com diversos parceiros, como a Oficina Escola de Lutheria da Amazônia e a Escola Agrotécnica Federal de Manaus, apoiou também um projeto de manejo florestal comunitário e o desenvolvimento da Agenda 21 de Vila Manaus, uma das comunidades locais.

O objetivo do programa é influenciar políticas, tanto públicas como privadas, que favoreçam o manejo florestal e a atividade agropecuária ambientalmente adequada, socialmente benéfica e economicamente viável. Nesse campo, no qual há a atuação de diversas instituições, o Imaflora procura utilizar os conhecimentos adquiridos no desenvolvimento e aplicação de sistemas de certificação.

Portanto, os principais diferenciais do instituto nessa área são a promoção de diálogo, negociação de conflitos, busca da construção de consensos entre diferentes interesses e a agregação de aspectos socioambientais, bem como a busca por transparência, independência e controle social em instrumentos de monitoramento externo.

Para tanto, participa de diversos grupos de trabalho e articulações, procurando sempre agregar novas idéias e propostas voltadas à aplicação desses instrumentos e construção de diálogos nos âmbitos estaduais, nacional e até internacional.

Uma das primeiras atividades do Instituto nessa área foi a coordenação de um grupo de trabalho, ainda em 1995, cujo objetivo era fazer um projeto piloto de manejo florestal para a Floresta Nacional do Tapajós (Flona Tapajós), na região de Santarém, no Pará. O trabalho contou com recursos do Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG7) e envolveu diversas instituições, sob a liderança do Ministério do Meio Ambiente e Ibama.

Era uma região de muitos conflitos, já que a Flona foi criada em um local já habitado por 16 comunidades. O maior ganho desse projeto foi o processo participativo, no qual as próprias comunidades realizaram um mapeamento de suas áreas de uso e fizeram um acordo com o Governo Federal para continuar morando e utilizando a terra de maneira tradicional, ficando o Ibama encarregado da gestão das demais áreas da Flona.

No nível federal, o Imaflora tem procurado influenciar políticas relacionadas aos ministérios do Meio Ambiente, Desenvolvimento Agrário e Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Mudanças na legislação, regulamentação e financiamento são vistas como alguns dos instrumentos para favorecer os objetivos desse Programa.

Exemplo dessa atuação foi o empenho para garantir transparência e controle social no processo de gestão de florestas públicas, através da proposta do monitoramento independente periódico dos projetos de manejo aprovados, mecanismo incorporado ao projeto encaminhado à votação.

Outra participação importante tem sido em grupos de trabalho, como o GT Florestas do Fórum Brasileiros de ONGs e Movimentos Sociais para o Desenvolvimento, no qual tem

interagido com as entidades participantes. Ultimamente, os esforços do GT têm sido no sentido de frear a expansão da fronteira agrícola na Amazônia e o Imaflora, juntamente com a Amigos da Terra - Programa Amazônia, tem sido referência para o tema soja.

Entre os resultados desse trabalho está a produção de um documento sobre critérios mínimos socioambientais, voltado para orientar a compra de soja da Amazônia pelas grandes companhias compradoras e processadoras. Os critérios visam barrar a expansão da cultura e consolidar a fronteira agrícola na região e se referem ao Código Florestal, à situação fundiária e aos direitos trabalhistas.

Além disso, através de intermediação do Imaflora, o GT se reuniu duas vezes com o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, para discutir possíveis políticas do Ministério para tratar da expansão da fronteira agrícola na Amazônia e no Cerrado.

O ministro, inclusive, esteve no Imaflora, em julho de 2003, com o objetivo de entender como a certificação socioambiental pode ser um instrumento útil ao agronegócio brasileiro e demonstrou interesse em desenvolver mecanismos legais para estimulá-la.

O Imaflora também participa do GT de Manejo Florestal Comunitário, coordenado pelo Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), apoiando eventos e estratégias voltadas para esses processos, além de inúmeros fóruns de discussão sobre os temas com os quais atua ou afins, como nas discussões sobre agricultura e certificação orgânica e agroecológica, onde é reconhecido como ator importante.

A frente de trabalho mais recente do Instituto são as unidades de conservação, com as quais passou a atuar em setembro de 2004, a partir do trabalho de consultas públicas para a criação de unidades de conservação na Amazônia. Em parceria com o Imazon e financiamento da Fundação Moore, foi produzido um guia sobre o tema, a partir da experiência de criação de unidades pelo Ibama e pelos governos dos estados do Acre e do Amazonas. Em abril de 2005, o Imaflora assumiu, junto com o Ibama, a coordenação do Grupo Temático Gestão Participativa do Fórum Nacional de Áreas Protegidas.

Outra linha de ação foi a identificação de que o setor financeiro, seja público ou privado, tem um papel fundamental em estimular ou não práticas responsáveis de produção florestal e agrícola. O primeiro projeto nesse sentido, em

1997, foi a avaliação do grau de aplicação do Protocolo Verde pelos bancos públicos nacionais (Banco do Brasil, BASA, BNDS, Banco do Nordeste e Caixa Econômica Federal). Esse protocolo define o compromisso do governo de avaliar o desempenho ambiental dos projetos financiados por seus bancos. Infelizmente, a conclusão foi que, de maneira geral, os bancos não tinham políticas e procedimentos para implementar de fato o protocolo e causar um impacto favorável nos empreendimentos que financiavam.

O Imaflora também participou, através do GT Florestas, de debate com a área de investimento ao setor privado do Banco Mundial (IFC), para que os empréstimos para projetos agropecuários de grande porte na Amazônia fossem categorizados como de alto risco ambiental. Embora a argumentação do GT não tenha sensibilizado o IFC, o assunto chegou ao presidente do Banco Mundial, que manifestou publicamente sua preocupação sobre o tema e criou uma auditoria interna para apurar o caso.

Posteriormente, o Instituto iniciou contatos com bancos privados, com o intuito de influenciar suas políticas de crédito para que considerassem variáveis socioambientais nos créditos para projetos florestais. O destaque desta ini-

ciativa foi o relacionamento com o Banco Real ABN AMRO, que adotou o FSC como referência entre suas várias outras iniciativas de responsabilidade socioambiental.

Um dos maiores destaques do Programa Políticas Públicas, porém, tem sido a participação do Imaflora no desenvolvimento e aperfeiçoamento do sistema de certificação do Conselho de Manejo Florestal (FSC), focada principalmente na adaptação e aplicação do sistema para diferentes realidades ambientais e socioeconômicas, como na simplificação da certificação para comunidades ou no desenvolvimento do conceito de Florestas de Alto Valor para Conservação (FAVC). No momento, o Imaflora está colaborando para o desenvolvimento do conceito de madeira controlada. O mecanismo não será uma certificação, mas uma garantia mínima de que a madeira não é de desmatamento ou de zona de conflito, ou seja, mostre ao consumidor que o produto, pelo menos, não é ilegal.

A partir de 2002, o Imaflora conseguiu também inserção internacional nos temas de sustentabilidade da agricultura, principalmente com a participação no projeto Social Accountability in Sustainable Agriculture (SASA), que envolveu entidades como o IFOAM, Fair Trade, SAI, SAN e te-



Visita do Ministro da Agricultura Roberto Rodrigues.

ve apoio da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). Também participou com destaque, em 2004, da conferência Ecoagriculture Partners, no Quênia, evento organizado pelo Forest Trends, ICRAF e IUCN, com participantes de todo o mundo.

A preocupação com a proliferação de selos de certificação em todas as áreas levou o Imaflora a participar do Ethical Certification and Labeling Space, grupo de diversos setores que está se estruturando para definir parâmetros para atestar a credibilidade dos sistemas de certificação.



Consulta pública para a criação da reserva extrativista do Arapixi - 2004.

A defesa do comércio ético e solidário, que promova a igualdade e a inclusão social também faz parte da estratégia do Imaflora. Por conta disso, participa desde 2002 de um grupo de entidades que criou o Fórum de Articulação do Comércio Ético e Solidário do Brasil (Faces).

O objetivo do projeto é ser referência na articulação de uma rede de atores para consolidar uma cultura e um sistema de comércio ético e solidário no Brasil, voltado ao desenvolvimento sustentável. Por conta das muitas atividades, o Faces foi institucionalizado em 2004 e o Imaflora é um dos sócios fundadores.

Entre as atividades estão a promoção do conceito defendido, através de publicações, oficinas e eventos, assim como um trabalho junto aos ministérios do Desenvolvimento Agrário e do Trabalho para a formulação de uma regulamentação para o comércio solidário, que possa servir como guarda-chuva para as iniciativas que já existem.

Outra frente de trabalho é direcionada a casos-piloto de cooperativas de produtores em vários locais do Brasil, para

as quais estão sendo desenvolvidos projetos de avaliação de cadeia produtiva e promoção de negócios. O principal papel do Imaflora no Faces é o fortalecimento institucional do Fórum, inclusive com a disponibilização de equipe para se dedicar ao projeto.



Oficina Santarém 2002.

Dez anos contribuindo para o desenvolvimento sustentável, incentivando e promovendo o manejo florestal e agrícola ambientalmente adequado, socialmente benéfico e economicamente viável.

